

bolsa



euro 2008

“O SCP tem duas equipas: o plantel e os juros, que custam quase o mesmo”

Pedro Afra afirma que o Sporting construiu o Alvalade XXI quase sem capitais próprios, opção que hoje hipoteca 30% das suas receitas só em juros. Ainda assim, o director-geral do clube leonino diz que o complexo desportivo “é uma aposta ganhadora”. **Filipe Paiva Cardoso** filipecardoso@mediafin.pt

De um lado estão as receitas, que passaram de 25 milhões de euros para os 54 milhões, fruto dos aumentos nas vendas de “game boxes” – bilhetes de época –, do encaixe da venda de camarotes – cinco milhões de euros – e do aluguer do recinto para uma série de actividades de empresas, como lançar produtos, organizar almoços ou reuniões – que rendem um milhão/ano. Do outro estão os juros associados à construção do estádio, que pesam nas contas do clube. São 16 milhões por ano, 30% das receitas comerciais. “Infelizmente o Sporting tem duas equipas a jogar, a equipa de futebol e equipa de juros, que custa quase tanto quanto a de futebol” diz Pedro Afra, director-geral do clube.

O responsável não tem dúvidas em apontar que o Alvalade XXI “é um projecto ganhador, que duplicou as receitas em cinco anos”, referindo-se aos encaixes na bilheteira, camarotes, patrocínios e rendas do estádio que, garante, “não eram possíveis” sem uma casa nova. “Admito que crescesse, mas não com este alcance”. E desde já uma novidade. “Este ano, quando abrir a época, se tudo correr bem, dos 50 mil lugares disponíveis teremos cerca de 40 mil vendidos, entre camarotes, ‘game boxes’, bilhetes a patrocinadores... será 80% do estádio já vendido”.

Estes são números positivos que comparam com a média anual de 20 mil espectadores, dos últimos anos de vida do José de Alvalade. “Isto só era possível com o estádio novo, mais segurança e conforto”, algo que “permitiu atrair outros ‘targets’, mais jovens e mulheres”. Mas olhemos também para o lado “negro” do complexo desportivo.

Alongar dívida e reinar no futebol

A explicação é simples e Pedro Afra dá o mote: “Não é possível uma em-

presa que factura 55 milhões de euros pagar 16 milhões em juros”. É por isso que a administração do Sporting está a renegociar a dívida, tentando alargá-la até 2018. “O Grupo tem um problema, alavancou em demasia em financiamento e quando isso acontece, com as taxas a subir e sem muito capital próprio, não é fácil”. Daí que a solução passe “por fazer aquilo que todos faríamos se tivéssemos pedido à banca um crédito a 100% para uma casa que deixámos de poder pagar.

O ARENA QUE VIROU TAVEIRA



Era para ser baseado no Arena de Amsterdão, com 40 mil lugares e pavilhão. Ficou um “original” de Tomás Taveira, 50 mil lugares e um centro comercial. Por razões “que não interessam”, o SCP não fechou acordo com os holandeses que idealizaram o estádio e optou por comprar o projecto. A partir daí, a construção foi quase “à empreitada” e ficou mais cara que o previsto, fruto de várias alterações. A primeira porque os sócios votaram que o estádio devia ter 50 mil e não 40 mil lugares, tendo sido sacrificado o pavilhão. Depois porque surgiu uma Lei que obrigou a aumentar a distância entre cadeiras, o que cortou 2.500 lugares ao projecto.

E se a casa que comprámos tiver piscina, o mais lógico é vender a piscina e abater a dívida, que foi o que fizemos com o centro comercial”.

Com o refinanciamento – “praticamente fechado” – até 2018, o Sporting conseguirá alargar os seus horizontes desportivos. “Permitirá nos próximos cinco anos deixar de pagar à banca 55 milhões de euros, que vão servir para investir na competitividade desportiva”. Em termos práticos, e para descanso dos sportinguistas, tal traduz-se em “acabar com a obrigatoriedade de vender jogadores” no final de cada ano.

Vender os anéis

Sobre a criação de um centro comercial (CC) e de um “health club” dentro do complexo desportivo, Pedro Afra realça um ponto: “Uma coisa é criticar o SCP por ter feito um centro e não o saber gerir, outra coisa é dizer que o CC é um erro, que não é”. Para o responsável foi uma boa aposta, mas, “se calhar”, faltou “o ‘know-how’ para o gerir”, tendo por isso sido vendido. À imagem do que sucedeu com o “health club” e com a clínica, vendas porém que “não destruíram” o inicialmente projectado: “Ter um tráfego diário de cinco mil pessoas no estádio”. O SCP aproveitou as vendas destas infraestruturas para abater parcialmente a dívida à banca.

Sobre o futuro do estádio o projecto mais importante “é mudar o seu nome”, à imagem do que aconteceu em Coimbra, onde o Estádio se chama agora Finibanco. Em Alvalade calcula-se em “4/5 milhões de euros” o encaixe possível com o “naming”, mas só avançam para essa hipótese “se os sócios quiserem”. Em relação ao tabu que este tema pode ser, Pedro Afra responde com outro tabu: “O Barcelona durante anos também não teve patrocínios”.

